

# **O CAMINHO DA SERPENTE**

Copyright © Fábrica de cânones, 2020  
O caminho da serpente © Mahana Cassiavillani, 2020

**Edição**

Eduardo Guimarães

**Capa, projeto gráfico e diagramação**

Luyse Costa

**Revisão**

Thiene Cassiavillani

**Ilusrações**

Jacqueline Harsche

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C345c

Cassiavillani, Mahana

O caminho da serpente/Mahana Cassiavillani; ilustrações de Jacqueline Harsche -- São Paulo : Fábrica de cânones, 2020.

104 p.: il.

ISBN 978-65-990753-0-8

1. Contos brasileiros 2. Ficção I. Harsche, Jacqueline  
II. Título

CDD 869.35

---

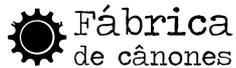
(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

Fábrica de cânones  
R. Professor Miguel Milano, 86, Vl. Mariana  
CEP: 04012-010, São Paulo - SP - Brasil  
Tel: (11) 98338-2314  
fabricadecanones@gmail.com  
fabricadecanones.com.br

**mahana cassiavillani**

# **O CAMINHO DA SERPENTE**

1ª Edição | São Paulo | 2020





**A meu pai [in memoriam]**

**À minha mãe**

**À minha irmã**

# Índice

**I. O caminho da serpente 10**

Depressão	11
Morte	12
Blusa de frio	13

**II. Amores 16**

Peppe	17
Dois tempos	21
Amor	27
Pai	31
Mãe	34
Ela tocava bateria	38
Doriana	42
Playcenter	47
Assassinato	49
Luta	52
Jorginho	54
A fada	57
A empregada	60

**III. Outros 62**

Banheirão	63
Os dias	65
O bastão de Mercúrio	68
Duas Marias	74
Miolos	76
A dor de Doroteia	79
No Rio Grande do Norte	82
Ponto fraco	84
Natal	88
Imagina juntas	92
O urso	95
Campos do Jordão	98
Vício	101

## **Luta**

Aos três anos, eu parei de comer. Tive fases. A fase do chá, a da groselha, a do leite. E só resisti por tanto tempo porque ela permitiu. O que pode uma criança de três anos, além de morrer?

Quando a situação saiu de nosso mundinho e começou a ser notada por outras pessoas, era o momento de tomar uma atitude.

Minha mãe procurou um médico, que a orientou: ou ela come comida ou nada. É comida e água.

Eu não me lembro. Ela diz que eu passei quatro dias sem comer até que cedi e aceitei a sopa de legumes. Um prato enorme que eu limpei com os beiços. Ela diz com orgulho.

O primeiro embate, ela venceu.

Só voltei a enfrentá-la na adolescência, mas eu era obediente. Ela dizia não e eu obedecia. Mas não parava, queria de todo jeito um sim. Minha irmã, muito mais esperta, simplesmente fazia, e depois lidava com as consequências que não eram tão graves quanto se poderia pensar. Mas eu queria vencê-la pela retórica que não tinha.

O ápice de nossas brigas foi quando a chamei de burra e ela me deu um tapa na cara. A dor e a humilhação me fizeram encolher de vergonha. Era merecido.

O segundo embate, ela venceu.

Quando tinha 19 anos, comecei a namorar. Saía e me esquecia do tempo, encantada por ter encontrado o amor e todos aqueles clichês dos primeiros namorados. Sempre que nos encontrávamos, eu chegava

tarde, e cada vez mais tarde. Minha mãe não gostava disso. Que absurdo, estar fora de seu controle. Por isso estabeleceu um horário para que eu voltasse. Eu precisava estar em suas mãos. Pela primeira vez, desobedeci, e ela me pôs de castigo. Dezenove anos, já na faculdade e de castigo. Peguei gosto pela desobediência e matava aulas para ficar com o namorado. Mas não tinha liberdade.

O terceiro embate, ela venceu.

Quando caí em depressão, e ela tinha que me tirar da cama, me despir e me levar até o chuveiro, ela o fez. Ela ficava ao meu lado chorando comigo enquanto eu dizia não aguentar mais. Ela me dava a mão, me dava seus braços e todo o seu amor. Quando eu procurei ajuda, iridólogo, tarólogo, astrólogo, tudo na esperança de melhorar, ela me acompanhou. Mas a minha ajuda foram os médicos e psicólogos. E minha mãe. Minha mãe onipresente me salvou.

O quarto embate, ela venceu.

## **O urso**

Vira a notícia do urso polar desnutrido. Vira sua foto. O pelo branco sobre uma pele murcha, como se faltasse espuma na pelúcia. Não. Era pior, muito pior. O mar muito azul ao fundo. Lindo. A calota de gelo tão pequena, menor do que deveria. Ficou triste com todas as coisas erradas que havia ali.

Foi trabalhar. Era o terceiro dia de atraso no salário. Problemas técnicos, disseram. Logo seria resolvido. A empresa era boa. Ganhava muito dinheiro. Apesar da crise. Todos trabalhavam normalmente. Fingindo engajamento em uma causa tão banal. Enriquecer os outros.

O ar-condicionado estava ligado, como todos os dias. As janelas não podem ser abertas. Regras da administração. As cortinas abaixadas para impedir a entrada do sol. O tapete cinza, as mesas cinzas, as portas cinzas. O trabalho.

Almoço. O de sempre. Tititis, mimimis, números, não acontecimentos. Sem lixo para recicláveis. O tédio.

A volta leva quase duas horas. Paradas. Gente sem pernas no farol. O Corolla em movimento apenas no amarelo. Buzinas. Faixas de ônibus cheias de carros. Depois o acostamento.

Um cigarro depois de tanta poluição. Quanto menos oxigênio menos o cérebro consegue pensar. A família. Os problemas. O dinheiro.

Louça. Roupa. Louça. Leva o cachorro para passear. Medo. Sono. Tédio. O Bar. Conversas de sempre. Cerveja. Salame. Briga.

Jornal. Crise. Corrupção. Guerra. Violência. Nova moda.

Internet. Fotos. Comidas. Descrições.

Cama. Insônia. Hora. Relógio. Levantar.

O urso.

